

**ENTRE O MESTRE E O DISCÍPULO NAS *MIGALHAS*  
*FILOSÓFICAS*: A EXISTÊNCIA EDUCADORA EM  
KIERKEGAARD**

[BETWEEN THE MASTER AND THE DISCIPLE IN THE  
PHILOSOPHICAL FRAGMENTS: THE EXISTENCE OF  
EDUCATION IN KIERKEGAARD]

Fransmar Costa Lima

*Doutor e Mestre em Educação pelo MACKENZIE, bacharel em filosofia, Professor da UMESP, Editor da Editora LiberArs, Fundador e membro diretivo e consultivo da Casa Brasileira Fernando Pessoa, e Membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI).*

*(E-mail: fransmar@liberars.com.br)*

Recebido em: 30 de abril de 2018. Aprovado em: 20/05/2018

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

**Resumo:** O artigo que ora se apresenta é, na realidade, um pequeno ensaio que tem por finalidade indagar a importância da educação no pensamento de Søren Kierkegaard e investigar se, no âmbito da existência como possibilidade, uma educação voltada para a subjetividade se mostra efetiva diante dos debates acerca da liberdade e da singularidade do indivíduo. Pouco se debate sobre o conceito de educação em Kierkegaard, porém, acreditamos que se trata de um ponto basilar no pensamento do filósofo dinamarquês, conforme buscamos demonstrar, e deve ser objeto de maiores pesquisas, estudos e reflexões. Tomamos como referência para o início desse debate textos como as *Migalhas Filosóficas* e o *Post-Scriptum*, onde a subjetividade e a singularidade aparecem como conceitos fundamentais.

**Palavras-chave:** Educação. Existência. Singularidade. Subjetividade. Kierkegaard.

**Abstract:** The present article is, in fact, a small essay whose purpose is to investigate the importance of education in Søren Kierkegaard's thinking and to investigate whether, in the scope of existence as a possibility, an education focused on subjectivity is effective before the debates about the freedom and the singularity of the individual. There is little debate about the concept of education in Kierkegaard, but we believe that this is a basic point in the thinking of the Danish philosopher, as we seek to demonstrate, and should be the object of further research, study and reflection. We take as reference for the beginning of this debate texts such as the *Philosophical Fragments* and the *Post-Scriptum*, where subjectivity and singularity appear as fundamental concepts.

**Keywords:** Education. Existence. Uniqueness. Subjectivity. Kierkegaard.

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

## **INTRODUÇÃO**

O propósito da questão por uma educação da subjetividade é incutir no debate da educação uma dimensão da existência raramente contemplada pela pedagogia uma vez que, imersa em um universo regido por imperativos sistemáticos e aparatos técnicos, vislumbra geralmente o positivo das finalidades da educação relegando à existência, a um papel secundário. Pedagogia e educação são discussões que tem como ponto comum, salvo raras exceções, a relação que se estabelece entre o ensino e a aprendizagem e a presença de uma relação interpessoal entre professor e aluno, mas tendo sempre em vista que a dimensão prática do ensino é sua prerrogativa fundamental. A parte disso, todas as demais relações que se interpõe entre a pedagogia e a educação devem ser tomadas como particularidades, ora de uma, ora de outra.

Cabe a pedagogia, a determinação dos processos e metodologia que estão vinculadas efetivamente ao processo de aprendizagem. Tal determinação, porém, só pode ser considerada se o ponto de partida do debate técnico for a educação, que se configura como a própria ciência, tomada a priori, da formação humana. Pode ocorrer que a pedagogia ambicione formar o “ser-humano”, mas esse papel é da educação. Afirmo isto ao observar que, em nossa época, existe um limite tênue do debate onde ambas as dimensões se confundem. Muito se espera da pedagogia enquanto prática formadora, enquanto que efetivamente não há no discurso pedagógico uma relação que privilegia a educação em sua prática transformadora. O que se observa, é que a educação é transferida para as instituições pedagógicas, quando na realidade nos esquecemos que sua

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

formulação deve partir do exemplo dado, da ética imbricada no indivíduo, da responsabilidade e da autoridade que se mostra frente ao outro – não uma autoridade determinante, mas uma autoridade exemplar.

As figuras do professor e do aluno são partes do contexto pedagógico, porém, cabe retomarmos a relevância que em nossa época se atribui à relação entre mestre e discípulo, pois a estes pertencem, efetivamente, o sentido da educação<sup>1</sup>, que privilegia a interioridade do indivíduo e, contrariamente ao que se concebe em nossa época, está fundamentada na subjetividade.

Mas porquê debater a proposta de uma educação da subjetividade em Kierkegaard, um pensador lido como comumente dedicado à existência, e principalmente pautada na leitura das *Migalhas Filosóficas*, se no *Post-Scriptum* o próprio pensador afirma que as *Migalhas* apresentam uma problemática voltada, não ao cristianismo, mas sim ao tornar-se cristão? Da mesma forma que Jorge Miranda (Cf. ALMEIDA, 2013, p. 15), compreendemos bem que essa aproximação entre Kierkegaard e a educação possa ser considerada uma insensatez, quer para os marxistas dogmáticos como também para alguns kierkegaardianos com maior preocupação religiosa ou metafísica. Da mesma forma seria motivo de escândalo ou sintoma de loucura, aproximações com a linguagem cinematográfica, a obra de arte, ou outras leituras contemporâneas que não estejam influenciadas pela perspectiva de Heidegger. Para muitos leitores, o problema das *Migalhas* já está sacralizado como a questão pelo tornar-se cristão. Devemos

---

<sup>1</sup> Não pretendemos aqui tomar a questão apenas por suas características terminológicas. Mesmo as figuras de mestre e discípulo hoje assumem um caráter muito mais dogmático, honorífico ou religioso do que propriamente educativo. Vale ressaltar que ambos os conceitos serão tomados, aqui, em uma perspectiva da educação.

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

então, antes de nos ater diretamente à questão que nos interessa, observar dois pontos fundamentais: No primeiro ponto, consideramos que a obra de Kierkegaard repousa sobre o consolo de que ninguém será capaz de localizar, possuir a “chave secreta” que decifre os escritos, como se permitisse uma classificação dos textos de forma determinada, sacralizada ou dogmática. Tudo parte do princípio de ironia, o que nos deve colocar uma “pulga atrás da orelha” e ainda a desconfiar de boa parte dos textos e permite nos apropriarmos apenas do problema. A famosa, e já quase *cliché* citação dos *Diários* cabe aqui mais uma vez:

Após a minha morte, ninguém encontrará em meus papéis (este é o meu consolo) um só esclarecimento sobre o que propriamente ocupou a minha vida. Não se encontrará em meu íntimo o texto que tudo explica. Muitas vezes, aquilo que o mundo consideraria como bagatela apresentava uma importância considerável para mim, o que, por sua vez, considero uma futilidade, desde que se extraia a nota secreta que é a chave de tudo (KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1971, p. 24).

Notemos aqui que Kierkegaard é taxativo quando afirma que “aquilo que o mundo consideraria como bagatela apresentava uma importância considerável para mim”. Mas observemos também que é necessário extrair a “nota secreta”, que permite a apropriação, ao menos, do problema que atravessa toda a obra de Kierkegaard.

No segundo ponto que devemos considerar, observamos uma rápida nota, também dos *Diários*, na qual Kierkegaard é absolutamente contundente e afirma com muita segurança (ou ironia?):

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

Não! Educação, educação: é disso que o mundo tem necessidade. É esse o tema contínuo dos meus escritos, o argumento dos meus colóquios com Cristiano VIII: e isto passa a ser, em nossos dias, a coisa mais supérflua do mundo (KIERKEGAARD, 1980, p. 139; D 4, 1679 [VIII A 616], tradução nossa).

Eureka! Se não encontramos a “nota secreta”, encontramos ao menos “a coisa mais supérflua do mundo”, ou *aquilo que o mundo considera uma bagatela* e para Kierkegaard tem uma importância considerável; o tema “contínuo” de todos os escritos. Certamente a educação é o tema menos abordado ou debatido nos colóquios sobre o pensamento do discípulo de Poul Martin Møller, ao menos no Brasil. De forma até profética, Kierkegaard previra que, mais de 200 anos após seu nascimento, o mundo continuaria com necessidade de educação, e o tema ainda seria tratado como a coisa mais supérflua do mundo.

Tendo essas duas considerações em vista, podemos agora ser acusados de “teóricos da conspiração” ou denominados como “os caçadores da chave secreta”, porém, creio que seja suficiente para demonstrar a importância da educação no pensamento de Kierkegaard e nos livrar do juízo de insensatez. Jorge Miranda de Almeida já pode dormir tranquilo, consolado pela possibilidade de uma aproximação entre Kierkegaard e Paulo Freire surgir como uma conciliação que não “força a barra”, em seu livro *A Educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial* de forma reflexiva e muito bem fundamentada, abordando com originalidade os aspectos éticos do processo de educação. Certamente, a discussão de um tema pouco debatido não deve ser rechaçado dentro daquilo que, infelizmente, já ficou sacralizado – senão dogmático – na

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

leitura de Kierkegaard. Essa problemática latente deve ser acolhida e vista como uma ocasião.

**AS MIGALHAS FILOSÓFICAS COMO OCASIÃO PARA A EDUCAÇÃO**

Se fosse nossa pretensão uma leitura categórica da *Migalhas Filosóficas*, a rigor trataríamos a questão da felicidade eterna que repousa sobre um saber histórico, ou ainda, entenderíamos que é um problema introdutório, não ao cristianismo, mas ao tornar-se cristão, conforme elencado na estrutura do quarto capítulo do *Post-Scriptum*. Nossa pretensão, no entanto, é tomar a leitura da *Migalhas* como uma ocasião, no sentido socrático estabelecido na primeira hipótese do *Experimento Teórico* do próprio texto de Climacus. Por ser apenas uma pretensão, talvez nosso projeto seja, já estabelecendo uma auto-crítica – e sem nenhuma irônica modéstia – tão ridículo quanto o de Kierkegaard. Se antes houvéssemos observado que a questão da educação transpassava toda a obra de Kierkegaard, já teríamos dedicado mais tempo à sua investigação, tão límpida e transparente o problema se apresentava diante de nossos olhos. Porém, optamos por investigar outras possibilidades de diálogo sem reter o olhar sobre aquilo que seria “a coisa mais supérflua do mundo”. A resistência à discussão pela educação em Kierkegaard encontra objeção e resposta no próprio pensador dinamarquês, ao final do primeiro capítulo das *Migalhas*; não por ser uma discussão pela educação, mas por ser a discussão sobre um novo projeto. Aqueles que pretendem sacralizar a obra de Kierkegaard podem então afirmar:

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

[...] é o mais ridículos de todos os projetos, ou melhor, tu és o mais ridículo de todos os fazedores de projetos; pois se alguém projeta uma tolice, pelo menos continua verdadeiro o fato de que foi ele que a projetou; tu porém, ao contrário, comportas-te com um *lazzarone*, que cobra para mostrar um lugar que qualquer um pode ver; tu és como aquele homem que de tarde mostrava por dinheiro um cabrito, enquanto que de manhã era possível vê-lo de graça pastando na praça do mercado (KIERKEGAARD, 2008, p. 42).

Kierkegaard imediatamente responde à acusação:

- Talvez seja assim, e eu me cubro de vergonha. Mas, supondo que eu seja assim tão ridículo, permite que me reabilite fazendo um novo projeto. Pois é claro que a pólvora já foi inventada há muitos séculos, e eu seria então ridículo se quisesse fingir que a inventei; mas seria igualmente ridículo se eu supusesse que alguém a inventou? Vê, agora eu quero fazer a gentileza de admitir que foste tu que inventaste o meu projeto, e tu não podes exigir, afinal, mais gentileza do que isto (KIERKEGAARD, 2008, p. 42).

O que encontramos aqui é uma ocasião que parte de inúmeras ocasiões, e por ser uma ocasião de reconhecimento da reflexão, não pode se tornar presente ou ser encontrada uma vez que já estava lá. O próprio problema que apresentamos, já estava presente e se alinha diretamente com a questão fundamental que abre as *Migalhas Filosóficas*, aquela dificuldade que Sócrates qualifica como “proposição polêmica”, onde

[...] é impossível a um homem procurar o que sabe e igualmente impossível procurar o que não sabe, pois o que sabe, não pode procurar porque sabe, e aquilo que não sabe não pode procurar porque não sabe nem ao

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

menos o que deve procurar (KIERKEGAARD, 2008, p. 28).

Kierkegaard, então, percebe que tal resolução não pode ser dada por uma determinação universal, assim como não pode ser apreendida pedagogicamente, como forma de transmissão de um conhecimento, já que tal ocasião já está presente e deve ser resolvida a partir da interioridade. Na nota correspondente de sua tradução, ao elucidar a resolução socrática, Alvaro Valls esclarece que tal resolução é um “pensar que penetra a questão e a resolve a partir de dentro (*gjennemtaenker*)”.

Ora, nossa questão está dada e, se for considerada digna de ser tomada como uma ocasião para a reflexão, sua resolução (se possível for...) deve ser iniciada na interioridade – como reminiscência para tomada de consciência – e na subjeti-vidade – como decisão pelo singular.

### **O MESTRE E O DISCÍPULO: A OCASIÃO COMO RELAÇÃO**

Apesar de a filosofia clássica compreender a subjetividade como a definição do próprio sujeito, o pensador dinamarquês resgata no socrático a subjetividade enquanto negação do sujeito, tornando-o ainda mais íntimo de si mesmo, negando radicalmente a coisa que se entende *em-si* (como uma categoria metafísica), atingindo uma dimensão que se desdobra *sob-si*, onde o problema não é mais o fato ou o fenômeno essencial, mas é a existência como instante absoluto, pois “não se deve jamais perder de vista um instante que o problema subjetivo não trata da coisa, mas é a subjetividade mesma”. (KIERKEGAARD, 1971, p.218) Ainda no *Post-Scriptum*:

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

Com efeito, como o problema é a decisão, [...] toda decisão reside na subjetividade, trata-se de arranjar para que não tenha objetivamente o menor traço da coisa, pois no mesmo instante a subjetividade procuraria furtar-se parcialmente à dor ou à crise da decisão, isto é, tornaria o problema um pouco objetivo (KIERKEGAARD, 1971, p. 218).

**A EXISTÊNCIA E A SUBJETIVIDADE NAS MIGALHAS FILOSÓFICAS: A  
RELAÇÃO ENTRE O DISCÍPULO E O MESTRE**

Não é permitido a homem algum descortinar diante de si o absoluto sem que este seja posto diante da revelação do verdadeiro pelo intermédio de outrem, da mesma forma que a revelação da verdade só é dada ao indivíduo por seus próprios esforços e a partir de si mesmo. É nesta condição dicotômica entre verdade e não-verdade, entre a verdade dada e a verdade revelada, que surge a figura do mestre; o educador que diante da busca do indivíduo pela verdade é incapaz de ensinar.

Kierkegaard pensa a educação de forma socrática quando se abstém de ensinar, não por falta de conhecimento ou autoridade, mas em virtude da compreensão absoluta pela decisão da subjetividade que torna a relação entre o mestre e o discípulo um *intermezzo*, entre a propriedade do conhecimento e a necessidade de desvelar o conhecimento pela mesma forma que as *Migalhas Filosóficas* foram escritas: *proprio Marte, propriis auspiciis, proprio stipendio*<sup>2</sup>. Ao pensarmos uma educação da subjetividade entendemos

---

<sup>2</sup> Por nossos próprios meios, sob nossos próprios auspícios, às nossas próprias custas (KIERKEGAARD, 2001, p.19).

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

que esta ocorra muito mais em princípio pelos esforços do indivíduo que se educa do que propriamente pelo aprendizado do conhecimento recebido. A educação da subjetividade é incapaz de “formar a opinião” de alguém – e em nossa época saltitam os formadores de opinião – mas favorece o indivíduo para que se edifique na verdade e decida por ela, sem nenhuma possibilidade de relativismo. É a suprema valorização da razão em contraposição à opinião da qual o próprio Kierkegaard, socraticamente, se abstém.

Qual é então minha opinião?...<sup>3</sup> Que ninguém me pergunte por ela. E após a questão de saber se eu tenho ou não uma opinião, nada pode ser mais indiferente para os outros do que saber qual seria ela. Ter uma opinião é ao mesmo tempo demais e de menos para mim. Ter uma opinião pressupõe uma existência segura e confortável, tal como ter neste mundo mulher e filhos; um privilégio que não é outorgado àquele que tem de estar noite e dia a caminho, mas sem ter assegurado seu sustento. No mundo do espírito, esta é a minha situação; pois para isto me formei e me formo ainda, para a todo o tempo poder dançar com leveza a serviço da idéia, tanto quanto possível para a honra da divindade e para meu próprio prazer, renunciando à felicidade doméstica e à respeitabilidade burguesa, a esta *communio bonorum*<sup>4</sup> e a esta ditosa harmonia que é ter uma opinião (KIERKEGAARD, 2001, p. 23).

---

<sup>3</sup> Álvaro Valls, em sua tradução das *Migalhas Filosóficas*, alerta que o termo dinamarquês *Mening*, não possui apenas o significado de uma posição pessoal como no alemão *Meinung*, mas também adquire a conotação de “sentido” como no inglês *Meaning* (in KIERKEGAARD: 2001, p.22, N.T). Ao afirmar que sua vida e seu trabalho – sua existência – está dedicada à serviço da Idéia, podemos vislumbrar que Climacus tenha uma visão de certa forma platônica (Cf. PLATÃO *A República*, VII) ao confrontar a inteligibilidade com a sensibilidade. É na ideia platônica que se encontram os fundamentos da razão, oposta à verdade corriqueira da sensibilidade. O que se mostra aqui é uma clara referência à famosa *Alegoria da Caverna*.

<sup>4</sup> Comunhão de bens.

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

A relação que se mostra entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*, favorece a compreensão de uma verdade racional que não habita o universo das opiniões; é uma verdade do indivíduo e para o indivíduo, construída a partir da existência – e não da experiência como seria o caso de uma verdade sensível – e da subjetividade. Por este motivo a verdade sistemática, útil para o indivíduo, que tem na prática e no sentido a ancora objetiva que o induz à opinião, não são suficientes para a existência, onde a verdade do espírito prevalece como absoluta e única relação que o homem pode estabelecer consigo e com o absoluto.

A consideração kierkegaardiana é para que haja um ponto de partida que conduza o indivíduo ao encontro do absoluto onde se possa apreender a verdade. Tal ponto de partida é um ponto de partida histórico, eis o problema das *Migalhas*, onde se questiona a possibilidade de considerar uma verdade absoluta a partir de um conhecimento contingente. Neste sentido, se o contingente é um ponto de partida para o discípulo também o é para o mestre; a relação que se propõe é a recíproca em sua pluralidade e sua complexidade dialética. Por compreender tamanha complexidade Kierkegaard se abstém da opinião, que reforça apenas a contingência como verdade absoluta sem, no entanto, considerar que tal verdade esteja além da ocasião, onde está contido o instante decisivo da existência.

A contingência histórica da verdade que se apresenta é necessária sendo por si só uma verdade suficiente. Qualquer outra forma de se apresentar a verdade, seja pela autoridade do mestre, pela relevância das demonstrações ou pelo argumento da obviedade, que impeça o discípulo de decidir existencialmente o valor desta verdade na existência, tornam o aprendizado superficial e contido em uma esfera onde predominam as

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

opiniões. Neste caso, descaracterizam-se tanto discípulo quanto mestre, pois,

[...] todo ponto de partida no tempo é *eo ipso* algo de contingente, algo inconsistente, uma ocasião. O mestre também não é mais do que isso, e quando oferece a si e a seu ensinamento de qualquer outra maneira, então não está dando, mas tomando; então não é nem amigo do outro e muito menos seu mestre (KIERKEGAARD, 2001, p.29).

Para Kierkegaard, o papel do mestre é ser uma ocasião, uma contingência histórica, onde o discípulo descubra que a verdade do absoluto é o instante decisivo capaz de transformar toda a existência, tornando-o único frente a todos os outros homens; singular a ponto de equiparar-se com a verdade que repousa em si mesmo.

Ocorre que em Kierkegaard não há uma diminuição do papel do mestre, mas uma exaltação de sua habilidade quando torna o discípulo capaz de descobrir a verdade que já se encontra em sua interioridade. Não é uma necessidade de transmitir conhecimento, mas a é a edificação do indivíduo que está em jogo. O mestre não age como se houvesse a necessidade de se estabelecer uma relação de dívida pelos ensinamentos transmitidos, porém, torna-se a ocasião histórica que é o ponto inicial para a construção do conhecimento do indivíduo, sem...

[...] ideias pela metade, com hesitações e regateios, com afirmações e concessões como se o indivíduo devesse até um certo ponto alguma coisa a outro, mas depois, por outro lado, até certo ponto não devesse nada; com palavras soltas que esclarecem tudo, a não ser: qual é

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

este até certo ponto; com tudo isso não se vai mais longe do que Sócrates, e não se chega, de jeito nenhum, perto do conceito de revelação: fica-se apenas na conversa fiada (KIERKEGAARD, 2001, p.30).

A postura do mestre é uma postura frente ao eterno, ao absoluto, e não uma atitude negociável em virtude de uma condição imposta pela contingência histórica. O que o mestre oferece ao discípulo não é um ensinamento acabado, um produto, definido pelo conhecimento, mas é o ponto de partida pelo qual o discípulo perceba que em si está contida a verdade.

Observamos em Kierkegaard uma concepção dialética que une o ponto de partida histórico com a verdade eterna que se dá na interioridade do indivíduo. Ainda nas *Migalhas Filosóficas*, ao tratar a origem da sabedoria que se desdobra indefinidamente por toda a eternidade, Kierkegaard afirma:

O ponto de partida temporal é um nada, pois no mesmo instante em que descubro que, desde toda a eternidade, eu soube a verdade sem sabê-lo, neste momento aquele instante escondeu-se no eterno, absorvido por ele, de sorte que por assim dizer eu não poderia encontrá-lo, mesmo se o procurasse, porque não está aqui ou ali, mas *ubique et nusquam*<sup>5</sup> (KIERKEGAARD, 2001, p. 32).

O que Kierkegaard percebe na sociedade de seu tempo é a vivência valorativa do momento histórico com maior intensidade do que a busca pelo absoluto. Ora, em uma sociedade autodenominada cristã<sup>6</sup>, a dimensão

---

<sup>5</sup> Em toda a parte e em nenhum lugar

<sup>6</sup> Falamos aqui da sociedade dinamarquesa do séc. XIX onde se dá o contexto de reflexão de Kierkegaard, que é um estado oficialmente luterano. Analogamente, apesar da sociedade

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

a ser buscada é a do eterno; é a edificação da existência sobre alicerces solidamente fundamentados na ética e no compromisso para com o outro, na alteridade, que deve prevalecer sobre os acontecimentos cotidianos. Da mesma forma nossa época vive uma sociedade “jornalística”; é uma época em que se privilegia uma educação da informação em detrimento da formação do edificante, pois geralmente o sujeito que encontra na contingência histórica o sucesso e a riqueza, se abstém de existir e, portanto, igualmente se abstém da decisão.

Note-se que Kierkegaard fala no “instante onde escondeu-se o eterno”. Tal *instante* é a síntese entre a existência autônoma, pautada na verdade, e a decisão da subjetividade; ele ocorre quando se aproveita a ocasião para uma *trans-form-ação*<sup>7</sup>, uma dimensão que deixe de lado as alegorias da contingência e transforme o discurso, a forma da linguagem pela qual o indivíduo se expressa, em ação, em compromisso, em um *assumir* da condição de existente enquanto existente.

Em virtude destas alegorias contingentes, o discípulo não pode ser algo além de uma não-verdade, da mesma forma que o mestre não se torna

---

do século XXI não se autodenominar cristã uma vez que a maioria dos estados hodiernos se determinam como laicos, podemos considerar que ainda existe uma denominação oficial das nações que se caracterizam culturalmente em relação aos valores morais e aos padrões estéticos. Tais valores são significativos em si para um grupo de indivíduos mas, no contexto da historicidade, não satisfazem as dimensões que contemplam a autonomia do indivíduo. Nos autodenominamos livres, democráticos, e falamos sempre em privilegiar a lei, a justiça e a igualdade, sem entender significativamente os valores reais destes conceitos. Da mesma forma que a sociedade onde viveu Kierkegaard não compreendia o verdadeiro sentido valorativo do que é ser cristão, na visão do filósofo, que adverte sobre os riscos de um comportamento voltado muito mais para uma situação legal, estatal e imposta do que propriamente significativa para a existência e edificação da dimensão humana.

<sup>7</sup> A forma sistemática que delimita o indivíduo (*Individ*) deve ser superada pela ação compromissada na existência. Utilizamos a expressão *trans-form-ação*, para indicar que existe na existência uma transposição da forma para a ação existencial.

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

a ocasião que proporcione o reconhecimento da verdade na interioridade do discípulo, pois a dimensão edificante da educação do humano só se caracteriza quando a verdade está presente e o mestre não é um transmissor de saber previamente elaborado, que elimina a possibilidade do discípulo decidir pela sua singularidade.

Em uma reflexão que privilegie o entendimento da educação como subjetividade, é necessário entender que o parecer kierkegaardiano, dado na ironia e na comunicação indireta – e trataremos esta discussão adiante – apresenta figuras significativas nas quais é necessária uma apreciação do simbolismo, por uma questão de interpretações possíveis a partir da própria condução da subjetividade. Sendo assim, perguntamos: Quem é o mestre para Kierkegaard?

O mestre é então o deus, que dá a condição e que dá a verdade. Agora como deveremos chamar este mestre? Porque há um ponto sobre o qual estamos de acordo: é que já ultrapassamos de muito o conceito de mestre. Enquanto o aprendiz está na não verdade, porém por causa dele mesmo (e de outro modo, afinal, ele não pode estar assim...) poderia parecer que ele era livre; pois estar junto a si mesmo é justamente liberdade (KIERKEGAARD: 2001, p. 35).

A figura do mestre surge em proporção diametralmente oposta à do aprendiz, pois enquanto o primeiro “dá a condição que dá a verdade”, o segundo “está na não verdade, por causa dele mesmo”. Observamos primeiramente que Kierkegaard refere-se ao mestre como uma personificação da divindade, aquele pelo qual o aprendiz dedica sua veneração e admiração. Mas o aprendiz só o faz porque está na não verdade.

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

O mestre, considerando que *o conceito de mestre já foi em muito ultrapassado*, não é aquele que ensina e que força o aprendiz; adversamente é aquele que faz descobrir, socraticamente, a partir do *espanto* – que os pensadores da tradição socrática concordavam ser o princípio da filosofia – a verdade no próprio indivíduo.

Quando o aprendiz reconhece sua culpa em ser a não-verdade, dá-se o *instante*, a ocasião que transcende a contingência histórica onde a busca pela verdade é mais essencial que a busca pela aprendizagem. Abandona a condição de aprendiz, agora é um discípulo. Estes conceitos são conceitualmente distintos pois, segundo Álvaro Valls (apud KIERKEGAARD, 2001, p.33) em sua tradução das *Migalhas Filosóficas*, Kierkegaard o emprega *den Laerende*, para o aprendiz e *Discipelen* para o discípulo. O termo dinamarquês para aprendiz é *den Laerende*, aquele que aprende. Este aprendiz somente absorve o conhecimento do mestre, sem que aja nenhum desdobramento ou interiorização; não é um conhecimento que contribua para a edificação ou para que a existência se consolide com autonomia e liberdade. É por sua própria responsabilidade que o aprendiz se afasta da verdade, por ansiar na contingência pelo saber de outrem, negando a verdade que está em si mesmo. Este aprendiz,

[...] deve, pois, ser definido como fora da verdade (não ‘vindo para ela como prosélito’ mas ‘afastando-se dela’), ou como não-verdade. Ele é, pois, a não-verdade. Mas de que maneira se deve agora lembrá-lo, ou de que lhe serviria lembrar-lhe o que não soube, e do que portanto não pode de jeito nenhum dar-se conta? (KIERKEGAARD, 2001, p. 32).

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

Em contraposição ao termo *aprendiz*, o conceito de discípulo (*Discipelen*) é empregado no amplo sentido socrático. A dimensão da condição socrática de conhecimento parte da máxima *conhece-te a ti mesmo*, conforme a inscrição em Delfos, que admoesta qualquer indivíduo a buscar por si um conhecimento de si na subjetividade, ou seja, não se trata apenas de ensinar, mas de se estabelecer uma relação profunda entre o discípulo e o mestre onde o fim almejado seja a verdade do eterno. Diante disto, o discípulo não espera pelo conhecimento do mestre, mas acompanha o mestre, *caminha junto*, para que haja continuidade e desdobramento do conhecimento. É, portanto, ao discípulo, e não ao aprendiz, que o mestre deve tornar-se ocasião, pois o discípulo é capaz de abandonar a condição de não-verdade, pois no *instante*, o absoluto se manifesta à ele e na ausência do mestre é capaz de prosseguir sua caminhada. Kierkegaard afirma:

Se o discípulo é a não-verdade [...] mas é no entanto homem, e ele vem a receber a condição e a verdade, não se torna homem evidentemente a partir de agora, pois já o era; porém torna-se um outro homem, não no sentido engraçado, como se ele se tornasse outro homem da mesma qualidade que antes, mas torna-se um homem de outra qualidade, ou, como também podemos chamá-lo, um homem *novo*. Na medida em que era a não-verdade, estava sempre a se afastar da verdade. Ao receber, no instante, a condição, seu caminho tomou a direção oposta ou se inverteu (KIERKEGAARD, 2001, p. 39).

O que se observa na relação que se estabelece entre o mestre e o discípulo é que, ao contrário do aprendiz, o discípulo recebe o conhecimento para que se desenvolva com autonomia e liberdade. O

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

mestre não cria uma relação de dependência sobre seu conhecimento e o discípulo é capaz de ir além, sem se afastar da verdade.

A relação que se estabelece não é uma relação do âmbito contingente, pois visa o absoluto; não é uma relação de não-verdade, pois a verdade é o fim almejado, não é uma relação de dependência, pois é uma relação no profundo, na interioridade onde não se cria propriamente uma educação do conhecimento, mas a edificação da existência. A relação que se dá entre discípulo e mestre é uma relação de amor, e o amor edifica.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, JM A alteridade na construção da ética de Kierkegaard e Lévinas. In: **Revista Controvérsia** - Vol. 6, nº 1: 36-45 (jan-mai 2010), São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. **Diário**: 1847-1848, Vol. 4. 3ª ed. A cura di Cornelio Fabro. Brescia: Morcelliana, 1980. (D 4).

\_\_\_\_\_. **Opere**. Sansoni Editore. Milano: 1993.

\_\_\_\_\_. Postilla Conclusiva no Scientifica alle Briciole di Filosofia. In: **Opere**. Tradução e organização de Cornélio Fabro. Sansoni Editore: Milano, 1993.

\_\_\_\_\_. **As obras do amor**: algumas considerações cristãs em forma de discurso. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Três Discursos Edificantes de 1843**. Tradução de Henri Nicolay Levinspuhl. Publicação do Tradutor. Rio de Janeiro: 2000.

**Entre o mestre e o discípulo nas *Migalhas Filosóficas*:  
a existência educadora em Kierkegaard**

LIMA, F. B. C.

KIERKEGAARD, Søren. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus**. Tradução de Álvaro Valls, e Ernani Reichmann. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **O conceito de Ironia**: constantemente referido à Sócrates. Tradução de Álvaro Valls, e Ernani Reichmann. Vozes: Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Johannes Climacus ou É preciso duvidar de tudo**. Tradução Silvia Saviano Sampaio e Álvaro Valls. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Diário Íntimo**. Tradução de Maria Angélica Bosco. Santiago Rueda: Buenos Aires, 1989

MARTINS, J.S.; VALLS, A. L. M. (orgs.). **Kierkegaard no nosso tempo**. Nova Harmonia: São Leopoldo: 2010.